

## **O PAPEL DO MÉTODO MISTO NA ANÁLISE DE PROCESSOS DE MUDANÇA EM UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL: REFLEXÕES E PROPOSTAS**

*Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo fundamental discutir o papel do método misto – baseado no equacionamento entre a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa – na análise de processos de mudança linguística em uma abordagem construcional. A partir da apresentação de um estudo de caso, representado pela rede construcional dos verbos volitivos na língua portuguesa, demonstramos como a conjugação dos dois métodos pode contribuir para que as proposições apresentadas por Traugott e Trousdale (2013) sejam atestadas empiricamente, especialmente no que se refere à extensão de cada um dos níveis esquemáticos – construto, microconstrução, subesquema e esquema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abordagem construcional da mudança linguística, níveis de esquematicidade, método misto de análise.

### **ABSTRACT**

This work has as main objective to discuss the role of the mixed-method – based on the equation between qualitative methodology and quantitative methodology – in the analysis of language change processes in a constructional approach. Based on the presentation of a case study, represented by the constructional network of volitional verbs in the Portuguese language, we demonstrate how the combination of the two methods can contribute to attest empirically the proposals presented by Traugott and Trousdale (2013), especially related to different levels of schematicity – construct, micro-construction, subschema and schema.

**KEYWORDS:** Constructional approach to language change, levels of schematicity, mixed-method of analysis.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora; patriciafabianecunha@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A abordagem construcional da mudança linguística, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), parte do princípio de que a língua – tanto no que se refere à gramática quanto ao léxico – é constituída por redes taxonômicas de construções, as quais se organizam de modo hierárquico. O termo construção, como assumido pelos autores, advém da Gramática de Construções (GOLDEBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, 2005, 2013; CROFT & CRUSE, 2004; dentre outros), a qual se desenvolveu no âmbito da Linguística Cognitiva. Nesse sentido, com base na definição apresentada por Goldberg (1995), Traugott e Trousdale (2013) consideram que as construções, a partir do pareamento entre forma e significado<sup>2</sup>, se estabelecem na língua como unidades simbólicas e convencionais. Além disso, fundamentando-se na proposta da *Radical Construction Grammar* (CROFT, 2001, 2005, 2013), os autores partem do princípio de que nenhuma construção é instanciada de modo isolado, uma vez que a língua seria constituída por redes construcionais hierarquicamente organizadas, em que cada construção representa um nó específico.

Embora haja, de modo geral, evidentes aproximações entre as postulações dos autores e a Gramática de Construções, a grande contribuição de Traugott e Trousdale (2013) situa-se justamente na proposição de um modelo que visa a dar conta dos processos de mudança linguística a partir de duas dimensões distintas, a saber: mudança construcional e construcionalização.

Para Traugott e Trousdale (2013), enquanto a construcionalização envolve a emergência de novas construções na língua a partir do pareamento entre forma e significado, a mudança construcional está relacionada à dimensão interna da construção, uma vez que são afetados os subcomponentes de uma construção já existente, sejam eles relacionados à forma (subcomponentes de natureza fonética, morfológica e sintática) ou ao significado (subcomponentes de natureza semântica, pragmática e discursiva). As mudanças construcionais que precedem e possibilitam a construcionalização envolvem, tipicamente, expansão pragmática, semanticização do componente pragmático, *mismatch* (desencontro) entre forma e significado e algumas pequenas mudanças distribucionais. Essas mudanças construcionais são denominadas, por Traugott e Trousdale (2013), de pré-construcionalização (PreCxzn CC). Por outro lado, a construcionalização pode ser seguida por mudanças construcionais, o que configuraria a pós-construcionalização (PostCxzn CC). Nesse caso, a pós-construcionalização envolveria, tipicamente, a expansão de colocações e também a ocorrência de redução morfológica e/ou fonológica.

A esse respeito, como afirmam os autores, a distinção entre construcionalização e mudança construcional “não tem sido realizada em outros trabalhos sobre mudança baseados na perspectiva construcional [...] ou, caso tenha sido realizada, essa distinção é apresentada de modo diferente” (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 20).

---

2 Recentemente, Goldberg (2016) assume que a construção deve ser pensada em um sentido mais abrangente ao considerar que o pareamento deve ser tratado como forma-função em vez de forma-significado. Neste trabalho, assumimos a proposta mais recente da autora e, no estudo de caso apresentado, optamos por tratar do pareamento que caracteriza a construção como forma-função.

Reconhecemos, portanto, que os autores trazem, de fato, uma grande contribuição em relação às proposições já realizadas no âmbito da Gramática de Construções ao buscarem, do ponto de vista teórico, a formulação de um modelo que dê conta da mudança linguística. Nesse contexto, a questão que se coloca é: qual metodologia de pesquisa seria mais adequada quando se assume a abordagem construcional da mudança? Em outras palavras – e em um sentido mais estrito –, a pergunta poderia ser a seguinte: do ponto de vista metodológico, como dar conta da análise de dados no tratamento da mudança construcional e da construcionalização?

Considerando as duas questões formuladas acima, este trabalho tem como objetivo fundamental discutir como a adoção do método misto de pesquisa – pautado no equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa – pode trazer importantes evidências empíricas no que se refere à ocorrência específica da construcionalização. Nesse sentido, a partir da apresentação de um estudo de caso, representado pela rede construcional dos verbos volitivos na língua portuguesa<sup>3</sup>, demonstraremos como a conjugação dos dois métodos de análise – o qualitativo e o quantitativo – pode contribuir substancialmente para que as proposições teóricas apresentadas por Traugott e Trousdale (2013) em relação à presença de níveis esquemáticos na rede construcional sejam atestadas empiricamente. Os autores, ao defenderem que as construções da língua se organizam, de modo hierárquico, em redes taxonômicas, operam com a distinção entre quatro níveis de abstração, a saber: construto, microconstrução, subesquema e esquema

Os construtos compreendem as ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como sendo o *locus* da mudança. Desse modo, estão relacionados à frequência *token*, que caracteriza o número de ocorrências de determinada construção (BYBEE, 2003, 2007, 2011). Já as microconstruções compreendem as construções individuais propriamente ditas, que se realizam a partir de um pareamento entre forma e função (GOLDBERG, 2016) e já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Por sua vez, os subesquemas envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre microconstruções diversas. Por fim, os esquemas possuem uma natureza altamente abstrata e esquemática, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento dos *slots*. Enquanto os construtos envolvem a frequência *token*, no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema, verifica-se a presença da frequência *type*, a qual, segundo Bybee (2003, 2007, 2011), relaciona-se ao número de expressões possíveis para uma determinada categoria.

## 2. ALGUMAS QUESTÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O MÉTODO MISTO

Antes de iniciarmos propriamente a discussão sobre o encaminhamento de uma metodologia de pesquisa no âmbito da abordagem construcional da mudança, julgamos relevante, apresentar uma breve caracterização dos princípios fundamentais da metodologia qualitativa, da metodologia quantitativa e do método misto. Nesse sentido, a fim de realizar a caracterização dos três métodos, apresentaremos, em

3 Os dados aqui apresentados fazem parte de pesquisa integrada, desenvolvida no âmbito do projeto intitulado “Abordagem construcional da mudança: emergência de novos padrões construcionais no português brasileiro”, desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora, e se baseiam nos resultados apresentados em Oliveira (2016) e Cunha Lacerda e Oliveira (no prelo).

um primeiro momento, definições de cunho mais geral, pautadas nas Ciências Sociais, e discutiremos, em um segundo momento, algumas questões pontuais de natureza linguística com base nos trabalhos de Schiffrin (1987), Bybee (2003, 2007, 2011), Martelotta (2009) e Traugott (2011).

De acordo com Bryman (1998), a análise qualitativa de dados se estabelece a partir da perspectiva do pesquisador sobre o objeto. Nesse sentido, a metodologia qualitativa busca uma descrição detalhada do objeto investigado a partir do contexto em que é instanciado. Portanto, segundo o autor, o pesquisador deve se preocupar em: a) oferecer uma descrição detalhada do objeto de análise; b) compreender o contexto em que o objeto analisado ocorre; e c) considerar como os conceitos surgem a partir dos dados, e não *a priori*. Já a metodologia quantitativa, como destaca Diehl (2004), pauta-se na quantificação dos dados analisados, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação. Desse modo, a fim de realizar o levantamento e a análise dos dados, o método quantitativo se caracteriza pelo emprego de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas (RICHARDSON, 1989). Por sua vez, o método misto, nos termos de Johnson *et al.* (2007), consiste na combinação de elementos de abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa com o propósito de ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o objeto de análise.

Como destaca Creswell (2007), se historicamente sempre houve a tendência de se estabelecer uma dicotomia entre o método qualitativo e o método quantitativo, o que se percebe, na virada do século XX para o século XXI, é uma tentativa de, cada vez mais, unir as duas metodologias. De acordo com o autor, na atualidade, a principal questão é definir como as práticas de pesquisa se posicionam entre os dois polos, ou seja, como cada pesquisa baseada no método misto, em função de seu objetivo, pode tender a ser mais qualitativa ou mais quantitativa.

No que se refere pontualmente à análise linguística, Schiffrin (1987), de modo bastante objetivo, defende o equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa. Segundo a autora, quando os dois métodos de pesquisa são associados – mesmo que assimetricamente –, é possível que o pesquisador obtenha um número elevado de ocorrências e uma análise adequada da formação e da estrutura de determinados padrões, uma vez que pode se pautar em uma prévia descrição das categorias nas quais os dados serão enquadrados e na elaboração de generalizações analíticas a partir da quantificação das ocorrências. Portanto, a adoção do método misto, segundo a autora, permite que o pesquisador disponha de um número elevado de ocorrências de determinados padrões a fim de obter uma análise mais apurada tanto do objeto investigado quanto do próprio contexto em que ele ocorre.

No que se refere pontualmente a trabalhos que tratam de mudança linguística, o que se observa é uma tendência de se abordar o viés quantitativo como recurso explicativo para a própria ocorrência da mudança. Nesse sentido, trabalhos como os de Bybee (2003, 2007, 2011), Martelotta (2009) e Traugott (2011) não se dedicam a uma discussão de natureza metodológica, mas defendem, de modo bastante pontual, o papel da frequência de uso no processo de mudança.

Bybee (2003), ao tratar da gramaticalização, atribui à frequência de uso uma efetiva participação na instanciação da mudança. Para a autora, o aumento da frequência seria um traço definidor da gramaticalização, remetendo à padronização da nova construção instanciada na língua. Segundo ela, a gramaticalização ocorre quando sequências de palavras e de morfemas têm o número de repetição aumentado, sendo compreendidas como uma unidade construcional – ou *chunking*, nos seus próprios termos –, e não como uma estrutura dissociada, o que é conhecido como *princípio da fraca composicionalidade*. Nesse sentido, Bybee (2007, 2011) considera que a língua constitui um sistema complexo em que fenômenos ocorridos com alto grau de repetição servem de base para o desenvolvimento da gramática.

No mesmo caminho, Martelotta (2009) também advoga a favor da frequência de uso. Para o autor, a língua deve ser considerada “um sistema complexo no qual fenômenos ocorridos no uso real com altos graus de repetição dão a base para o desenvolvimento de uma gramática” (MARTELOTTA, 2009, p. 3). De acordo com o autor, a frequência de uso deve ser considerada não apenas para identificar as relações dos elementos linguísticos sob análise nos seus diferentes contextos, mas principalmente para descrever o valor desses elementos no uso e os movimentos de mudança que ocorrem na língua. Nesse caso, para ele, uma construção que se originou no discurso apenas fará parte da gramática da língua se apresentar alta frequência de uso.

Já em Traugott (2011), observamos que a frequência de uso assume um estatuto bastante específico. Para a autora, a repetição resultando em frequência constitui um mecanismo de mudança linguística, juntamente com os mecanismos da reanálise e da analogia. Nesse sentido, para ela, a repetição, que é derivada da produção do falante, seria – da mesma forma como argumenta Bybee (2003) – um dos elementos propulsores para a implementação da mudança.

### **3. O MÉTODO MISTO E A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA**

Embora não desenvolvam, pontualmente, uma proposta metodológica para a abordagem construcional da mudança, Traugott e Trousdale (2013) trazem, em sua obra, uma breve reflexão sobre a importância do equacionamento entre a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa. Nos termos dos autores, temos o seguinte:

O nosso trabalho, neste livro, apresentou uma abordagem qualitativa para a construcionalização e as mudanças construcionais. Nisso nós nos diferenciamos de Hilpert (2013), cuja pesquisa tem sido conduzida na tradição da linguística de corpus quantitativa. Nós consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como sendo complementares para o trabalho na linguística histórica e prevemos a possibilidade de unir as duas abordagens em estudos de mudança linguística em curso, em que a análise da microvariação no nível individual dos falantes poderia ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do

grupo social. Tais estudos quantitativos permitem, em uma abordagem mais refinada, estabelecer a relação entre frequência e entrincheiramento e o grau de abstração a partir do qual os grupos de falantes parecem organizar aspectos de seu conhecimento linguístico (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 238, tradução nossa).

Como podemos observar, os autores destacam que a análise de natureza quantitativa, quando aliada à análise qualitativa, pode contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se regularizam na língua. Em sentido mais estrito, os autores avançam em sua reflexão ao considerarem, de modo bastante preciso, como a metodologia quantitativa pode contribuir para que as propriedades da esquematicidade<sup>4</sup> e da produtividade<sup>5</sup> – apresentadas por eles na proposição da mudança como construcionalização – sejam descritas e confirmadas. Nesse sentido, nas próprias palavras dos autores, temos o seguinte:

Neste livro, discutimos alguns dos caminhos a partir dos quais a esquematização parece se correlacionar ao aumento em produtividade, e em generalidade semântica, sem fornecer medidas concretas de tais mudanças. A abordagem quantitativa pode ser capaz de fornecer algumas pistas sobre a natureza do entrincheiramento dos esquemas e sobre a formação prototípica no nível da microconstrução. [...] Uma vez que o chunking parece ser um importante fator no desenvolvimento de uma microconstrução, uma abordagem quantitativa baseada em corpus pode demonstrar como, ao longo do tempo, um chunk se torna entrincheirado como uma microconstrução (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 238, tradução nossa).

Como podemos observar, os autores sinalizam que a metodologia quantitativa pode contribuir, de fato, para que as propriedades da esquematicidade e da produtividade sejam relacionadas e confirmadas empiricamente. Nesse sentido, como defendemos neste trabalho, acreditamos que aliar a análise qualitativa à análise quantitativa pode fornecer evidências empíricas sobre a ocorrência de processos de construcionalização.

No caso específico das propriedades da esquematicidade e da produtividade, cremos que o levantamento da frequência de uso pode contribuir substancialmente para que possamos mensurar a extensão de cada um dos níveis esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – construto, microconstrução, subesquema e esquema. Nesse caso, a nosso ver, caberia, principalmente, a uma análise qualitativa

4 A esquematicidade constitui, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 13, tradução nossa), “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração”. De acordo com os autores, a propriedade da esquematicidade está intimamente relacionada à noção de rede construcional, já que as mudanças seriam associadas e as construções da língua estariam relacionadas a partir do estabelecimento de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas.

5 No que se refere à propriedade da produtividade, Traugott e Trousdale (2013) consideram que uma construção seria considerada produtiva ou não na língua em decorrência do grau de extensibilidade ou de restrição do(s) (sub)esquemas a que está vinculada e também em decorrência – nos termos de Bybee (2003, 2007, 2011) – da frequência *token* e da frequência *type*. Enquanto a frequência *token* está associada à extensão de uso de determinado construto por parte dos falantes, a frequência *type* está relacionada, como destacam Traugott e Trousdale (2013), ao fenômeno que Himmelmann intitula de *host-class expansion*, uma vez que as construções, ao possuírem natureza relacional e (relativamente) esquemática, podem, ao longo do tempo, ser empregadas em diferentes colocações.

de dados as seguintes funções: a) caracterizar o pareamento entre forma e significado no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e b) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua. Já o levantamento da frequência de uso, que compreende uma análise de natureza quantitativa, se tornaria fundamental se, por exemplo, nosso objetivo fosse comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; e) compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático (com maior número de *slots*<sup>6</sup>) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; e f) verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua.

Embora os autores não mencionem o papel da frequência de uso para atestar a propriedade da composicionalidade<sup>7</sup> e para discutir como se podem verificar as mudanças construcionais, acreditamos que o equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa pode trazer importantes evidências empíricas também nesses dois casos.

Em relação à propriedade da composicionalidade, Traugott e Trousdale (2013) consideram que, tanto na construcionalização gramatical como na construcionalização lexical, há redução de composicionalidade. E, nesse caso, quanto menos composicional, maior é chance de formação de *chunking* – definido por Bybee (2003, 2007, 2011) e também por Traugott e Trousdale (2013) como uma unidade de processamento resultante do processo de mudança. Nesse caso, como acreditamos, o levantamento da frequência de uso em, pelo menos, duas sincronias pode permitir que observemos, por exemplo, a emergência de um determinado *chunking* na(s) sincronia(s) mais atual(is).

Além disso, de modo paralelo, a comparação entre diferentes sincronias no que se refere ao levantamento da frequência de uso pode permitir que sejam atestadas mudanças construcionais. No caso específico da pós-construcionalização (PostCxzn CC), a frequência de uso em sincronias distintas pode revelar que estamos diante, por exemplo, de uma expansão de colocações e, até mesmo, de processos de redução morfológica e/ou fonológica.

#### 4. ESTUDO DE CASO

Nesta seção, exemplificamos, a partir de um estudo de caso, como a adoção do método misto de análise pode trazer relevantes evidências empíricas acerca nos níveis esquemáticos propostos por Traugott

6 De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade de uma construção está intrinsecamente relacionada com a extensão na qual recruta padrões mais gerais através de uma série de construções mais específicas. Nesse sentido, os esquemas são discutidos a partir da noção de *slot*: um esquema pode ser composto totalmente por *slots* ou pode ser parcialmente esquemático, possuindo, ao mesmo tempo, *slots* e elementos necessários e obrigatórios (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.16).

7 A propriedade da composicionalidade refere-se ao nível de transparência da ligação entre forma e significado. Do ponto de vista construcional, a composicionalidade é entendida, nesse caso, em termos de convergência (*match*) ou não (*mismatch*) entre aspectos da forma e aspectos do significado.

e Trousdale (2013). A fim de ilustrar a conjugação da metodologia qualitativa e da metodologia quantitativa no âmbito da abordagem construcional da mudança, apresentamos aqui a análise da rede construcional dos verbos volitivos na língua portuguesa, com ênfase nos níveis mais esquemáticos da rede construcional – subesquema e esquema<sup>8</sup>.

A partir de uma análise pancrônica – que considerou a distribuição dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” desde o século XIII até o português contemporâneo<sup>9</sup> – e do equacionamento entre o cálculo da frequência de uso e a análise qualitativa das ocorrências identificadas, Oliveira (2016) e Cunha Lacerda e Oliveira (no prelo) demonstram como os verbos analisados – que antes apresentavam, em suas acepções iniciais, a ideia de movimento – passam a indexar a noção de vontade/desejo. E, nesse sentido, como atestam os resultados, o esquema envolvendo os verbos volitivos analisados está diretamente relacionado à manifestação da categoria *irrealis*, expressa pela presença de um sujeito [+ animado] – mesmo que metaforizado –, acompanhado por um verbo volitivo e seu complemento. Já os subesquemas se diferenciariam entre si, formalmente, a depender da proximidade cognitiva estabelecida entre o sujeito volitivo e o evento alvo de sua vontade, ou seja, a partir do entendimento do evento como [+/- *irrealis*] por parte do falante. Tendo em vista os subesquemas identificados, foram atestadas ainda construções individuais (microconstruções) volitivas com “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar”.

A partir do estudo de caso aqui apresentado, pretendemos, nesse sentido, atestar as funções – já apresentadas na seção anterior – que poderiam ser atribuídas a cada um dos dois métodos de análise, especialmente no que se refere aos níveis mais esquemáticos da rede construcional.

Inicialmente, nesta seção, apresentamos ocorrências que exemplificam o uso volitivo dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” e as analisamos sob um viés qualitativo.

(1) Eu *queria* que Joilson pudesse estar na lista da ÉPOCA desta semana dos 40 brasileiros com menos de 40 anos que representam o futuro do país. “Educação hoje é uma coisa rara. Mas é tudo na vida. Tento passar para o meu filho. Fazer o bem faz bem. Acho que eu servi de exemplo para muitos políticos, muita gente.” (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(2) Fotos tipo emo no espelho só para mostrar o novo filhote eletrônico no seu blog, tá? :)

8 Para informações pontuais sobre os níveis menos esquemáticos – microconstruções e construtos – da rede com verbos volitivos, ver Oliveira (2016) e Cunha Lacerda e Oliveira (no prelo).

9 Os dados da sincronia atual recobrem tanto a modalidade oral quanto a modalidade escrita da língua. A oralidade foi composta por entrevistas selecionadas em três *corpora* distintos, a saber: o *corpus* do Projeto “Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do Projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do Projeto NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. Já o *corpus* sincrônico escrito foi constituído por textos disponíveis na *Internet* retirados de *blogs* e de revistas de grande circulação nacional (“Revista Veja”, “Revista Isto é”, “Revista Época”, “Revista Caras”, “Revista Cláudia” e “Revista Ana Maria”). Por sua vez, os dados diacrônicos foram coletados do *corpus* do Projeto “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” e do *corpus* do Projeto “Tycho Brahe”. Para mais informações sobre a constituição dos *corpora*, ver Oliveira (2016) e Cunha Lacerda e Oliveira (no prelo).



xo xo Camila Orleans

P.S.: Aposto que esse post virará motivo de zoação futura. Só *espero* que seja porque tiro fotos muito mal D: (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(3) **E:** Por que?

**F:** Porque a gente conversa muito, ele me dá conselhos, aí eu *procuro* segui o conselho dele e a gente vai se dando bem (est).

**E:** E a sua mãe, assim, ela é muito rígida com você? Ele controla muito os seus horários?

**F:** Não, num esquenta a cabeça muito com isso não. (PEUL/RJ – Entrevista T06-Ale)

(4) Eles *buscam* entender o peso e os efeitos que as emoções têm na habilidade de cada um para lidar com o cotidiano pessoal e profissional. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

(5) “Eu adoro dançar. Na verdade, acho que o que gostaria de ter sido mesmo é bailarino. Amo a linguagem da dança e acho que o limite entre a dança e o teatro é muito tênue. Quando faço teatro, *tento* usar o meu corpo com o máximo de expressividade”, disse Wagner à repórter Sarah Oliveira. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

Como se pode observar, em (1), o falante tinha a vontade de que determinada pessoa (“Joilson”) pudesse estar entre os quarenta brasileiros que representariam o futuro do país. Em (2), o sujeito deseja que os comentários mal intencionados sejam decorrentes das fotos que foram tiradas. Já em (3), o falante tem a intenção de seguir os conselhos do pai. Por sua vez, em (4), o falante revela que as pessoas a quem se refere têm a intenção de entender o peso e o efeito das emoções. E, por fim, em (5), o falante afirma que, ao fazer teatro, sua intenção é usar o corpo com o máximo de expressividade.

Após a análise qualitativa das ocorrências, apresentamos duas tabelas nas quais se encontra o levantamento da frequência de uso dos verbos volitivos nos *corpora* compreendidos entre o século XIII e o final o século XX e o início do século XXI. É importante ressaltar aqui que compreendemos a propriedade da produtividade tal como a concebem Traugott e Trousdale (2013).

Para a sincronia atual, obtivemos o seguinte resultado:

		<i>Querer</i>		<i>Esperar</i>		<i>Procurar</i>		<i>Buscar</i>		<i>Tentar</i>		<b>Total</b>
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º
<b>Modalidade oral</b>	Projeto Mineirês	482	59,7%	85	10,5%	95	11,8%	53	6,6%	92	11,4%	807
	PEUL/RJ	786	68,7%	93	8,1%	82	7,2%	50	4,4%	133	11,6%	1144
	NURC/RJ	481	64,9%	53	7,1%	147	19,8%	08	1,1%	52	7%	741
<b>Modalidade escrita</b>	Nível de formalidade 1	772	58,3%	207	15,6%	90	6,8%	45	3,4%	210	15,9%	1324
	Nível de formalidade 2	536	52,4%	120	11,7%	142	13,9%	80	7,8%	145	14,2%	1023
	Nível de formalidade 3	362	47,1%	95	12,4%	68	8,9%	64	8,3%	179	23,3%	768
<b>Total</b>		<b>3419</b>	<b>58,9%</b>	<b>653</b>	<b>11,2%</b>	<b>624</b>	<b>10,7%</b>	<b>300</b>	<b>5,2%</b>	<b>811</b>	<b>14%</b>	<b>5807</b>

Tabela 1 - Distribuição dos verbos volitivos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* sincrônicos analisados (cf. OLIVEIRA, 2016; CUNHA LACERDA & OLIVEIRA, no prelo)

Como se pode verificar, o verbo volitivo “querer” é o mais produtivo na sincronia atual, totalizando 3419 ocorrências, ou seja, 58,9% dos dados levantados e analisados. O segundo verbo que apresenta maior frequência de uso é “tentar”, tendo sido identificadas 811 ocorrências para esse verbo, o que totaliza 14% dos dados. Já “esperar”, “procurar” e “buscar” apresentaram, respectivamente, 653 (11,2%), 624 (10,7%) e 300 (5,2%) ocorrências na sincronia. Como se observa na tabela a seguir, a alta produtividade do verbo volitivo “querer” é também atestada e comprovada na diacronia.

	Querer		Esperar		Procurar		<i>Buscar</i>		<i>Tentar</i>		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
<b>Século XIII</b>	624	98,4%	1	0,2%	0	0%	4	0,6%	5	0,8%	<b>634</b>
<b>Século XIV</b>	444	98,9%	4	0,9%	0	0%	1	0,2%	0	0%	<b>449</b>
<b>Século XV</b>	287	89,7%	13	4,1%	4	1,2%	12	3,8%	4	1,2%	<b>320</b>
<b>Século XVI</b>	185	70,1%	24	9,1%	19	7,2%	34	12,9%	2	0,7%	<b>264</b>
<b>Século XVII</b>	284	56,8%	118	23,6%	73	14,6%	20	4%	5	1%	<b>500</b>
<b>Século XVIII</b>	296	64,6%	54	11,8%	59	12,9%	42	9,2%	7	1,5%	<b>458</b>
<b>Século XIX</b>	236	66,7%	60	16,9%	39	11%	11	3,1%	8	2,3%	<b>354</b>
<b>Total</b>	<b>2356</b>	<b>79,1%</b>	<b>274</b>	<b>9,2%</b>	<b>194</b>	<b>6,5%</b>	<b>124</b>	<b>4,2%</b>	<b>31</b>	<b>1%</b>	<b>2979</b>

Tabela 2 - Distribuição dos verbos “querer”, “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” nos *corpora* diacrônicos analisados (cf. OLIVEIRA, 2016; CUNHA LACERDA & OLIVEIRA, no prelo)

Das 2979 ocorrências levantadas nos *corpora* compreendidos entre os séculos XIII e XIX, 2356 (ou 79,1%) são representativas do verbo “querer”, o que confirma a alta frequência desse verbo, tal como ocorre na sincronia atual. Já os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” apresentaram, respectivamente, os seguintes resultados: 274 ocorrências (ou 9,2%), 194 ocorrências (ou 6,5%), 124 ocorrências (ou 4,2%) e 31 ocorrências (ou 1%).

Os resultados do levantamento da frequência de uso nos *corpora* sincrônico e diacrônico atestam a alta produtividade do verbo “querer” na língua e podem sinalizar, nesse sentido, que esse verbo volitivo, justamente devido a seu caráter altamente produtivo, teria servido de exemplar, por meio do mecanismo da analogização, para o desenvolvimento dos demais verbos volitivos analisados. Essa hipótese se torna ainda mais plausível se considerarmos que, nas sincronias analisadas desde o século XIII, todas as ocorrências levantadas para o verbo “querer” revelam a noção de volição<sup>10</sup>, ao passo que, no caso dos demais verbos, se observa uma multifuncionalidade<sup>11</sup>. Isso quer dizer que o verbo “querer”, na língua portuguesa, sempre foi reconhecido como volitivo, enquanto os verbos “esperar”, “procurar”, “buscar” e “tentar” revelam, ainda hoje, sentidos diversos. Vemos, portanto,

10 Embora tenham sido identificadas apenas ocorrências volitivas para o verbo “querer” desde o século XIII até o português contemporâneo, vale ressaltar que, de acordo com Houaiss (2001), Cezário (2001) e Sousa (2011), o verbo latino *quaero* refere-se à ideia de “procurar por algo”.

11 Para mais informações sobre a multifuncionalidade mencionada, ver os resultados apresentados em Oliveira (2016).

que o levantamento da frequência de uso pode contribuir para que se ateste, sistematicamente, o caráter de produtividade de determinado padrão.

A fim de tratar pontualmente dos níveis mais hierárquicos que constituem uma rede construcional de acordo com Traugott e Trousdale (2013), exemplificaremos, a seguir, como o método misto pode desempenhar um importante papel na caracterização do esquema e dos subesquemas que são representativos da rede construcional dos verbos volitivos.

Como podemos observar no quadro abaixo, o esquema<sup>12</sup>, que constitui o nível mais abstrato da rede volitiva, atua como uma representação exemplar para alinhamentos de novos pares de forma-função na instanciação de construções com verbos volitivos.

Esquema para o desenvolvimento de construções volitivas com verbos	
<b>Forma</b>	sujeito [+ animado] + verbo volitivo  + complemento oracional/não-oracional
<b>Função</b>	expressão da categoria <i>irrealis</i> + projeção de futuro

Quadro 1 - Esquema referente ao desenvolvimento de construções volitivas envolvendo verbos na língua portuguesa (cf. OLIVEIRA, 2016; CUNHA LACERDA & OLIVEIRA, no prelo)

Como se pode observar, consideramos que o par forma-função que caracterizaria o esquema referente ao desenvolvimento de construções volitivas com os verbos apresenta um sujeito [+ animado] que atua juntamente a um verbo e seu complemento na expressão da categoria *irrealis* e na projeção de um evento volitivo no futuro. É o que podemos verificar por meio da análise qualitativa das ocorrências sincrônicas abaixo:

(12) Eles não gostam de ler. Eles vêem televisão o dia inteiro. Eles não concebem que uma pessoa pode não *querer* uma casa em Tramandaí, uma piscina e um carro na garagem. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

(13) Esse cara tem dólar, eles ficam assim, esse cara tem dólar traz ele para cá. Então começa vender, começa explorar dele sabe, às vezes eu acho até covardia, eles exploram mesmo, eles acham que o trabalho deles é muito, mais () realmente, eles trabalham seis meses e viajam seis meses porque o dinheiro deles dão e nós não podemos fazer isso né, e é um benefício pra cidade e agora que não temos mais nosso secretário de turismo NP

12 Destacamos aqui que, neste trabalho, não assumimos a recente proposta de Rosário e Teixeira (2016), segundo a qual o nível mais esquemático da rede poderia ser considerado um *esquema* – nomenclatura apresentada por Traugott e Trousdale (2013) – ou uma *macroconstrução* – nomenclatura apresentada inicialmente por Traugott (2008a, 2008b). De acordo com os autores, quando há a presença de um pareamento entre forma e função no nível mais esquemático da rede, devemos assumir a terminologia *macroconstrução*, já que o termo *construção* presume a presença de tal pareamento. Por outro lado, para os autores, quando não há uma representação formal identificável, mas apenas uma função de natureza mais genérica e abstrata, devemos assumir a terminologia *esquema*. Neste trabalho, seguindo a proposta mais geral de Traugott e Trousdale (2013), optamos por utilizar a nomenclatura *esquema* mesmo havendo a presença de um pareamento entre forma e função.

né, pode ser que agora o turismo tá caindo, tá caindo mesmo, *espero* que melhore né pra que salvemos nossa pátria. (“Projeto Mineirês”)

(14) Você *procura* que seja primeiro bem funcional, não é? Então como aqui em casa se gosta muito de livro, se compra muito livro, eu tenho que ter uma estante muito grande que já não é mais nem suficiente os livros já estão sobrando. E tem que ser ta... embora funcional mas tem que ser também agradável, né? E sendo que o meu escritório ainda é meu quarto de hóspede de modo que tem um sofá ali, o pessoal que eu recebo, que vem de fora, dorme aqui. (“NURC/RJ”)

(15) Quando nasce um bebê, surge também uma mãe, cheia de amor, cuidados e... culpa! “Se ele não mama direito é porque tenho pouco leite.” “Se chora demais, a culpa é minha!” Na maioria das vezes, a mãe pensa assim. Mas isso é verdade? “Culpa é algo que só devemos sentir quando fazemos algo de propósito, para prejudicar outra pessoa. Não é o caso das mães, que sempre *buscam* acertar”, orienta Olga Tessari, psicóloga e autora do livro *Dirija sua Vida sem Medo* (Ed. Letras Jurídicas). (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 2)

(16) Centro cultural, vira centro espírita, as casas eram polivalentes, então elas servem pra moradia, mas elas servem pra n coisas. Você vê que, os prédios modernos, que são chamados de funcionais, né, aquilo às vezes nem pra aquilo eles servem direito, e quando você *tenta* adaptar pra outra coisa, eles são tão pouco flexíveis, né, você vê esse prédio aqui que nós tamos, aqui né, é o prédio da Reitoria, foi feita pra Faculdade de Arquitetura. Ganhou Prêmio! (“NURC/RJ”)

Na ocorrência (12), o falante faz referência a pessoas que têm o direito de não desejarem que, em um tempo futuro, venham a possuir uma casa em Tramandaí, uma piscina e um carro. Já na ocorrência (13), em que figura “esperar”, observamos que o sujeito, que se refere à primeira pessoa do discurso “eu”, deseja que o turismo nacional melhore. Por sua vez, em (14), o entrevistado dirige-se ao seu interlocutor e destaca que, de modo geral, as pessoas (representadas por um “você” genérico) desejam ter uma casa bastante funcional, o que revelaria, assim, uma vontade do próprio falante. A ocorrência (15) tem como sujeito “as mães” que, segundo a opinião do locutor, sempre têm a intenção de acertar quando se trata da criação dos filhos. Nesse caso, percebemos que novamente o sujeito é a fonte do desejo. Isso é o que também ocorre em (16), visto que o sujeito indeterminado “você” é quem intenciona adaptar os prédios para servir a outras utilidades.

Como se atesta por meio da análise qualitativa das ocorrências de (12) a (16), o sujeito [+ animado] do verbo volitivo corresponde à fonte do desejo/da intenção. Já o complemento localizado

tradicionalmente à direita do verbo refere-se ao alvo do desejo, ou seja, diz respeito àquilo que ele deseja. Portanto, podemos afirmar que o esquema apresentado acima se caracteriza por apresentar uma fonte e um alvo para o desejo.

A partir da análise das ocorrências retiradas dos *corpora* utilizados, identificamos três subesquemas, que se caracterizam por corresponder a conjuntos de microconstruções volitivas específicas.

<b>Subesquema 1</b>	<b>Forma:</b> sujeito [+ animado] + verbo volitivo + complemento não-oracional
	<b>Função:</b> [- <i>irrealis</i> ]
<b>Subesquema 2</b>	<b>Forma:</b> sujeito [+ animado] + verbo volitivo + oração encaixada infinita
	<b>Função:</b> [+ <i>irrealis</i> ] em relação à subesquema 1
<b>Subesquema 3</b>	<b>Forma:</b> sujeito [+ animado] + verbo volitivo + oração encaixada finita
	<b>Função:</b> [+ <i>irrealis</i> ] em relação à subesquema 2

Quadro 2 - Subesquemas referentes ao desenvolvimento de construções volitivas envolvendo verbos na língua portuguesa (cf. OLIVEIRA, 2016; CUNHA LACERDA & OLIVEIRA, no prelo)

Como se visualiza no quadro acima, como base na análise de dados realizada, consideramos que os três subesquemas encontrados se estabelecem a partir de diferentes graus de *irrealis* que se manifestam linguisticamente através de complementos distintos. Os graus de *irrealis*, nesse sentido, são compreendidos a partir de uma noção escalar de volição. Esses graus estão diretamente relacionados aos complementos encontrados, identificados como “complementos não-oracionais” (nomes, pronomes, preposições e advérbios), “oração encaixada infinita” e “oração encaixada finita”. Enquanto, em um nível [+ abstrato], o esquema volitivo corresponderia à categoria *irrealis* (com projeção de futuridade) codificada por meio de um sujeito [+ animado], um verbo modal e um complemento, os subesquemas desse esquema compreenderiam aos graus de [+/- *irrealis*] e à especificação do complemento localizado à direita do verbo volitivo.

A seguir apresentamos a análise qualitativa de alguns construtos que caracterizam cada um dos três subesquemas descritos anteriormente. Nesse sentido, as ocorrências (17) (18) e (19) exemplificam, respectivamente, os subesquemas 1, 2 e 3.

(17) Vivendo com o companheiro há 19 anos, o advogado Carlos Alexandre Lima, 48, **quer** um herdeiro. Há cinco anos, o casal tentou a fertilização artificial com uma amiga homossexual, mas, por um problema de saúde dela, o método não foi adiante. O sonho da paternidade, porém, permanece. Carlos considera a nova norma um avanço, mas questiona a necessidade de envolver um parente. Ele defende que há casais que não têm parente mulher ou sofrem preconceito em casa. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 1)

Na ocorrência acima, temos que o verbo “querer” indexa a vontade do sujeito volitivo. Nesse caso, o subesquema 1 possui como argumento interno do verbo um complemento que apresenta uma quantidade informacional menor e que expressa formalmente uma maior proximidade conceitual

entre o evento volitivo e seu designativo. Assim, como verificamos na ocorrência (17), “querer” apresenta como argumento interno um sintagma nominal – “um herdeiro”.

(18) Eu **queria** entrevistar o Sr. NP. também.

O NP esteve in Itália, ele pode te falar. Agora o meu sogro, o que eu sei é que ele veio da Itália, se não me engano o pai dele veio com um senhor que morava, que veio morar em Arceburgo que também era italiano que chamavam-no de NP, não sei, é devia ser NP, mas eu não me lembro o sobrenome. (“Projeto Mineirês”)

A ocorrência (18) evidencia o padrão formal do subesquema 2. Como destacado no quadro 2, o subesquema apresenta um sujeito [+ animado] + um verbo volitivo (localizado em uma oração matriz) + oração encaixada infinita. Desse modo, em (18), o sujeito “eu” é seguido pelo verbo “queria”, que vem acompanhado da encaixada “entrevistar o Sr. NP. também”. Assim como ocorre em todas as ocorrências atestadas para o subesquema 2, o sujeito da oração matriz é o mesmo da oração encaixada, o que favorece o grau de integração entre as cláusulas. Sobre a presença de uma oração encaixada infinita como complemento do verbo volitivo, destacamos, de acordo com Gonçalves *et al.* (2007), que a integração sintática, assim como ocorre em casos de encaixamentos oracionais, é explicada pelo *subprincípio da proximidade*. No caso específico da oração encaixada infinita, observamos que ela tende a indicar uma maior integração em relação à oração matriz, já que – diferentemente do que ocorre com o encaixamento por meio de orações finitas – não há, a princípio, nenhum material interveniente entre ela e o verbo da cláusula principal.

(19) [Eu] **Quer**ia que o homem nascesse já sabendo o motivo. E **quer**ia que ele não envelhecesse após um certo período. Não **quer**ia que ninguém ficasse doente ou morresse. A condição humana é trágica demais para o meu gosto. (*Corpus* escrito. Nível de formalidade 3)

Em (19), as ocorrências com “querer” apresentam um sujeito (que é sempre “eu”) e uma oração encaixada – primeiramente, “que o homem nascesse já sabendo o motivo”; em um segundo momento, “que ele não envelhecesse após um certo período”; e, em um terceiro momento, “que ninguém ficasse doente ou morresse”. Como se observa, todas apresentam a conjunção integrante “que” e possuem o sujeito da oração matriz distinto do sujeito da oração encaixada. Nesse caso, a integração entre as cláusulas não se dá de maneira tão próxima, uma vez que há mais material linguístico entre elas (conjunção integrante “que”) e sujeitos distintos para as orações, o que, inclusive, nos leva a considerar que o evento volitivo é concebido como mais hipotético pelo falante e, assim, conceptualizado como [+ *irrealis*].

Portanto, com base nos subprincípios da quantidade e da proximidade<sup>13</sup> (GIVÓN, 1984; WILSON &

13 De acordo com Wilson e Martelotta (2013 [2008]), o subprincípio da quantidade estabelece que, quanto maior a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma. Isso acarreta, segundo os autores, uma estrutura de construção gramatical relacionada à estrutura do conceito que ela expressa. Já o subprincípio da proximidade pontua que aquilo que se encontra mais próximo no campo do sentido se mantém mais próximo na forma.

MARTELOTTA, 2013 [2008]), temos o subesquema 1, em que o complemento – nomes, pronomes, adjetivos, advérbios ou pronomes – com menor quantidade informacional localiza-se logo após o verbo (subprincípio da quantidade). Por sua vez, os subesquemas restantes apresentam, observando-se um em relação ao outro, cada vez mais material linguístico interveniente entre o verbo e o evento volitivo, demonstrando que o falante passa a conceptualizar aquilo que almeja como mais hipotético e, com isso, [+ *irrealis*] (subprincípio da proximidade). Em se tratando dos subesquemas volitivos envolvendo verbos “querer”, “esperar”, “procurar” e “buscar”, acreditamos, portanto, que o fato de o evento volitivo ser percebido como mais próximo do *realis* – e, com isso, mais próximo do falante – teria como consequência a presença de uma quantidade informacional menor na estrutura linguística.

Após a análise qualitativa de ocorrências representativas dos três subesquemas, podemos observar, na tabela a seguir, a produtividade de cada subesquema de modo particular.

	Corpora	Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Modalidade oral	Mineirês	164	27,7%	385	65%	43	7,3%	592
	PEUL/RJ	266	28,4%	619	66,1%	51	5,5%	936
	NURC/RJ	162	26,7%	398	65,6%	47	7,7%	607
Modalidade escrita	Nível de formalidade 1	241	22,7%	730	68,6%	92	8,7%	1063
	Nível de formalidade 2	196	24,9%	539	68,5%	52	6,6%	787
	Nível de formalidade 3	135	22,2%	427	70,1%	47	7,7 %	609
<b>Total</b>		1164	25,3%	3098	67,5%	332	7,2%	4594

Tabela 3 - Distribuição sincrônica dos subesquemas identificados (cf. OLIVEIRA, 2015; CUNHA LACERDA & OLIVEIRA, no prelo)

A tabela acima demonstra que os subesquemas 1 e 2 são mais produtivos na língua. Enquanto o subesquema 1 corresponde a 25,3% dos dados (1164 ocorrências), o subesquema 2 corresponde a 67,5% (3098 ocorrências). Isso indica que, prototipicamente, o falante manifesta a sua vontade tendo em vista um grau maior de controle acerca daquilo que almeja. Logo, observa-se uma predileção pela codificação de vontades que os falantes julgam ser mais exequíveis e atingíveis. Por sua vez, o terceiro subesquema, que se refere à codificação de um evento projetado ainda mais no campo do *irrealis* através de um padrão formal envolvendo uma oração encaixada finita, totaliza apenas 332 ocorrências sincrônicas, ou seja, 7,2% dos dados identificados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição de uma metodologia de pesquisa que seja adequada à abordagem construcional da



mudança é tarefa bastante ampla e complexa. Este trabalho, nesse sentido, não tem – ou teve –, de modo algum, a pretensão de esgotar a questão. Pelo contrário, como enunciamos desde o início, procuramos aqui apenas estabelecer uma reflexão sobre o papel que a metodologia de pesquisa pode desempenhar na apresentação de evidências empíricas para algumas das proposições teóricas formuladas e apresentadas por Traugott e Trousdale (2013) no âmbito da abordagem construcional da mudança.

A abordagem construcional da mudança é ainda bastante recente e, como sinalizam os próprios autores, há a necessidade de se buscar um refinamento de natureza metodológica para o tratamento dos processos de mudança linguística. Nesse sentido, conforme destacamos neste trabalho, Traugott e Trousdale (2013) já assumem, no fim de sua obra, a importância do equacionamento entre o método qualitativo e o método quantitativo para a análise de dados. Como os autores afirmam e como pudemos ilustrar – mesmo que parcial e sinteticamente – por meio do estudo de caso apresentado, quando aliamos os dois métodos de análise na abordagem construcional da mudança, podemos, de modo mais geral, contribuir para a compreensão de como as inovações que emergem no fluxo da interação se regularizam na língua e, de modo mais restrito, comprovar a extensibilidade das propriedades da esquematicidade e da produtividade .

## REFERÊNCIAS

BRYMAN, A. (1998) Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T.; WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press.

BYBEE, J. L. (2003) Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell.

\_\_\_\_\_. (2007) *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. (2011) Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press.

CEZARIO, M. M. (2001). *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CRESWELL, J. W. (2007) *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.

CROFT, W. (2001) *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. (2005) Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN,

J-O; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins.

\_\_\_\_\_. (2013) Radical construction grammar. In: HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. New York: OUP.

\_\_\_\_\_.; CRUSE, A. (2004) *Cognitive Linguistics*. Cambridge: CUP.

CUNHA LACERDA, P. F. A.; OLIVEIRA, N. F. (no prelo) Os verbos volitivos na língua portuguesa: uma proposta de análise sob a abordagem construcional da mudança.

DIEHL, A. A. (2004) *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall.

GIVÓN, T. (1984) *A functional-typological introduction*. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.

GOLDBERG, A. E. (1995) *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. (2006) *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. (2016) A constructionist approach to language. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ.

GONÇALVES, S. *et al.* (orgs.) (2007) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. de.; FRANCO, F. M. M. (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A.; TURNER, L. (2007) Toward a definition of mixed methods research. *Journal of Mixed Methods Research*, 1. p. 112-133

MARTELOTTA, M. E. T. (2009) Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (orgs). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.

OLIVEIRA, N. F. (2016) *O desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa: uma abordagem construcional*. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

RICHARDSON, R. J. (1989) *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989.

SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

SOUSA, F. C. (2011) *Volição, futuridade, irrealis: gramaticalização nas construções com verbo “querer”*. Tese de doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. (2016) O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ.

TRAUGOTT, E. C. (2008a) Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. p. 219-250.

\_\_\_\_\_. (2008b) All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications. p.1-31.

\_\_\_\_\_. (2011) Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_; TROUSDALE, G. (2013) *Construcionalization and Constructional changes*. New York: Oxford University Press.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. 2013 [2008]. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA et al. (orgs.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto.

**Recebido em 12/09/2016**

**Aceito em 28/10/2016**